



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Formosa 242-2.º—PORTO

Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Maclel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez 405 (50 reis)
Semestre 830 (300 reis)
Um ano 1600 (600 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.
Numero avulso \$01 (10 reis)

O morticínio de Lamego

Os factos que se deram em Lamego em 2) de Julho revoltam tôdas as consciências, sem preocupações de partido.

De madrugada, tocam a rebate os sinos das freguesias vizinhas de Lamego—Cambres, Ferreiros, Valtigem, Sanche, Parade e Figueira. O povo reúne-se para ir à cidade pedir que seja dada á questão do Douro uma solução favorável á região duriense. Não vão com intenções de saque nem de incêndio. Por únicas armas, levam os costumados varapaus, raras foices, raras machadas; uma mulher avora um forcão de sabugueiro. Armas de fogo, não se vê nenhuma.

Em Lamego, tôda aquela pobre gente se porta com ordem, dando vivas á cidade e ao Douro. A comissão encarregada de falar aos vereadores pede a todos calma e é escutada. Até ás 11 horas, nada anormal. Telegrafo-se para o governo e os manifestantes retiram-se para a Alameda, á espera da resposta.

Mas na cidade tinha-se preparado uma «ruidosa» recepção aos rurais. Cuidava-se que vinha aí uma invasão de hunos. E a tropa não bastava: arranjará-se bombas! Por dá cá aquela palha—bomba!

Parece que aquilo devia ser apenas para defesa contra um ataque. Mas visto não haver de-sordens, nem assaltos, nem incêndios, nem queima de papela-da, as bombas e os heroísmos deviam ficar guardados para occasião mais oportuna. Pois não senhor: as bombas não se podiam perder e por isso foram atiradas sobre os grupos pacíficos dos terríveis conspiradores. Depois do que, a força começou também a disparar contra... as vítimas! Em suma: meio cento de mortos e feridos, muitos deles pelas costas!

Para explicar e justificar esta

monstruosidade, arranjam-se logo mil desculpas e mil pretextos: assaltos, provocações, incidentes. Depois, a estafada cantilena dos conspiradores e dos jesuitas: Os parvos, os fanáticos, os sinistros imbecis, que acham a vida humana coisa de pouca monta, não sabem explicar os acontecimentos e mais complicados senão fazendo intervir qualquer entidade metafísica, qualquer deus ou diabo: para uns é a Companhia de Jesus ou o talassa; para outros, a maçonaria ou a formiga branca. Nada mais simples. Para essas mentalidades religiosas, a política gira em tôrno desse dualismo—deus e diabo; e política é tudo para elles, tudo para elles é política.

Nós preferiríamos que os pobres trabalhadores durienses, em vez de fazer regionalismo ao lado dos amos, tivessem consciência dos seus interesses próprios e exercessem uma acção independente. Tirando as castanhas do lume para os seus senhores, chamuscam os dedos e a respeito de resultados, o mais certo é que nem sequer se vejam livres da crescente emigração forçada.

Mas isso é outra questão muito diferente. Os rurais de Lamego, convencidos da justiça da sua causa, do alcance dos seus esforços e da vantagem do que reclamam, exerciam um dos mais elementares e mais moderados direitos cuja defesa interessa a bremaneira a todos.

A infância cometida revolta os sentimentos humanos e os mais profundos sentimentos de liberdade. O atentado não tem justificação possível e não pode passar sem o mais indignado protesto de todas as consciências livres, de todos os espiritos simplesmente liberais.

A política vai empregando costumes bárbaros, que urge condenar com energia.

des capazes de lógica e... sinceridade. Aquellos protestos, manifestos e greves na Alemanha são manobras do governo imperial, que para melhor fingir prende e castiga os protestantes! Assim explica a coisa os patrioteiros dos países aliados e amigos.

Dizia Stendhal que "em certo sentido, patota significa imbecil e algumas vezes perverso". Muitas vezes, porém, patota é imbecil é um especulador e escrupuloso, que se serve de todas as maneiras e meios para sustentar o seu domínio e exploração e evitar a revolta dos escravizados e roubados.

No partido socialista italiano

O secretário político da direcção do partido socialista italiano, Constantino Lazzari publicou em 8 de Julho um interessante relatório da situação interna partidária.

Após um mes de guerra, o partido mantém-se firme e em boa situação; alguns dos semanários suspensos vão reaparecendo; as defeições são poucas. Dos países neutros tinha o partido recebido fartos louvores sobre a sua conduta firme e coerente. Por encargo da Direcção, partira Oddino Morgari para a Suíça, Paris e Londres com um programa concreto para um próximo convenio internacional, no qual se combine uma agitação simultânea pela paz. O relatório termina elogiando a juventude socialista, cujos centros se mantiveram firmes «na sua espinha dorsal de propaganda e educação socialista» e cujo órgão nacional, L'Avanguardia, «sus-tenta galhardamente o pensamento intransigente do Partido e as esperanças das novas gerações proletárias neste momento de incertezas, hesitações e desvios». Louva também a iniciativa das Juventudes fundadas com o nome de «infância socialista»—centros recreativos e educativos para os menores de 10 a 15 anos, filhos dos trabalhadores.

Depois da intervenção italiana o cotidiano central do partido, Avanti!, a propósito das tentativas insurreccionais antiguerristas, depois de mostrar que das guerras só podem resultar directamente guerras e armamentos, dizia: «Esta guerra, porém, difere em alguns pontos das outras guerras. Difere não só em ter pôsto em campo monstruosos instrumentos de destruição nunca dantes empregados, mas também por ter surgido uma opposição—não suficientemente forte, é certo—que as guerras anteriores jamais conheceram. É a primeira vez na história que a classe trabalhadora organizou, como tal, animada de sentimentos de classe, tentou contra a guerra um protesto mais ou menos organizado.»

Melhor fora, se todos os partidos socialistas e operários tivessem ao menos imitado a conduta de opposição dos socialistas russos, ingleses, sérvios e sobretudo italianos; mas pior teria sido, para o futuro do movimento emancipador do proletariado, se todos os revolucionários sociais tivessem seguido o exemplo da social-democracia austro-alemã e do partido «unificado» francês. Aquella, que principiou por proclamar as responsabilidades particulares da Austria e da Alemanha, afirmando que não consentiria na guerra, descobriu depois o «perigo russo» e solidariza-se com o Kaiser! O «unificado», esse, em vez de fazer salientar sobretudo, além das causas fundamentais, as responsabilidades especiais do imperialismo e colonialismo franceses, da aliança franco-russa, etc., mantendo-se numa opposição «de classe», encontra o «perigo alemão» e entra no ministerial! Que tristezal!

UMA QUESTÃO PALPITANTE

Ao Proletariado de Espanha e Portugal

Queridos camaradas, Saude.

—O espirito de intervenção na guerra actual, chegou, por fim, a exteriorizar-se descaradamente nas duas nações vizinhas: Espanha e Portugal. Assim, elementos e especuladores que percorrem assiduamente as embaixadas na mira de alcançar honrarias e dinheiro, agiotes, financeiros e políticos se a esculpulos, tais são os interessados na propaganda favorável á intervenção armada no horreroso conflito europeu.

Numa como noutra nação desenvolvem a propaganda neste sentido aquelas criaturas que, durante a sua vida, não fazem senão arrastar-se como reptis venenosos, deixando, por onde passam, uma esteira de dores e de infâmias. Estes individuos são os que querem atirar o povo para a destruição, para o extermínio, para a matança; são os que querem que nos lares não haja pão e desapareçam de lá os entes queridos; são os que querem ouvir gemer as esposas, as companheiras da vida, as velhas avós; são os que querem ver deslizar as lagrimas pelas faces rosadas ou pálidas das nossas irmãs; são, enfim, os monstros, os selvagens, os que querem jogar com as populações em troca dum punhado de ouro, vislumbrando com isso um futuro cheio de rosas, que consiste em viver no *dolce far niente*, se o povo ignorante gritar com elles: Dêmos cabo dum Estado brutal, sanguinário, mas deixemos de pé outro Estado... brutal e sanguinário também!

Não obstante a existencia em Portugal e Espanha de *modernos lanos* com seus diminutos *Atilas* á frente, consola-nos, alenta-nos, anima-nos a propaganda antiguerrista, que, na imprensa operária avançada, no seio das organizações obreiras, nas oficinas, na rua, no café, no campo, fazem aqueles que, afortunadamente, como nós, não perderam o juizo e, serenamente, friamente, procuram as causas que determinaram a guerra, as quais, como está demonstrado á saciedade, outras não são que as rivalidades, as concorrências nos mercados mundiais pelos grandes acaparadores da riqueza social.

Pelo que antecede, e compreendendo o quanto é prejudicial e nefasta a campanha intervencionista que germanófilos e francófilos iniciaram respectivamente em Espanha e Portugal; e considerando, que inclinándonos a favor dum Estado para combater outro Estado, isso resultaria um trabalho negativo aos fins que temos em vista; considerando também que a nossa missão consiste em agitar o povo produtor afim de se pronunciar contra qualquer guerra entre Estados, este Comité dirige um apêlo ao proletariado espanhol e português, para que, em toda a parte, faça uma activa propaganda contra a guerra, até que fiquem totalmente esmagados os esforços dos intervencionistas, que um insignificantíssimo grupo de flibusteiros começou,—e demonstre aos nossos irmãos, aos que pertencem ao povo que trabalha, sofre e não se alimenta convenientemente, que em antes de ir para a guerra, declararemos a greve geral em ambas as nações.

Trabalhem todos neste sentido pondo-nos de acôrdo sem perda de tempo; e se Espanha ou Portugal romperem a neutralidade, declaremos nas duas nações, a greve com todas as suas consequências.

A' luta, camaradas. Em defesa das nossas mães, de nossas irmãs, de nossos filhos, de nossas esposas, e sobretudo, da nossa dignidade de homens.

Viva a Internacional dos Trabalhadores!

Abaixo a guerra!

Ferrol (Espanha), 1.º julho de 1915

O Comité Central da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Respondendo a uma "Pregunta,"

No número 260 de *A Aurora*, Emilio Costa faz a seguinte pergunta: *que fariam os revolucionários espanhóis em face duma mobilização e consequente invasão do território português ou de um bombardeamento de portos portugueses por parte de Espanha?*

Principio por afirmar que semelhante intervenção é muito pouco provável, visto que lhe seriam hostis as esquerdas da burguesia espanhola. Além disso, a guerra de Marrocos esgotou a Espanha, quase que a arruinou.

Todavia, a importancia destas questões é de tal ordem que todos nós devemos definir attitudes e expôr opiniões para que o futuro não nos reserve dolorosas surpresas. *Impossível se torna predizer o que farão os revolucionários espanhóis no caso de uma intervenção; mas sabendo nós o que é que deveriam fazer, e contestando em primeiro lugar a esta pequena pergunta, ser-nos-há mais facil responder á pergunta anterior.*

No caso desditoso da burguesia espanhola decidir a occupação de Portugal, ou duma pequena parte desse país, impõe-se como um dever a todos os elementos avançados de Espanha, o *promover uma intensa campanha de protesto contra essa occupação e de simpatia para com o povo português*. Para tal fim, todos os meios seriam postos em prática, desde a paralisação parcial e pacifica do trabalho até á greve geral revolucionária. E antes, porém, dessa possível intervenção, a toda a imprensa operária assiste-lhe o obrigação moral de, á menor suspeita, publicar artigos escritos em linguagem de solidariedade e afeição ao povo vizinho. Numa palavra, o proletariado organizado e ainda todos os partidos republicanos espanhóis deveriam empregar o máximo esforço para evitar essa vergonha. Em todas as povoações da península igualmente se deveria intensificar a campanha de protesto por meio do comício, da conferência, da manifestação nas ruas e da greve...

Agora uma interrogação: *gumpniriam todos com o seu dever?*

Isto é que é o importante. Por mim creio que a maioria dos revolucionários espanhóis havia de cumprir, fielmente, com o seu dever. O partido socialista, espanhol, ou se oporia resoluta e eficazmente á intervenção por quantos meios estivessem no seu alcance, ou fraccionar-se-ia em dois partidos: — um o actual; outro o socialista revolucionário ou como quizessem denominarlo; quanto aos elementos sindicalistas e anarquistas temos a certeza que cumpririam com o seu dever. O partido republicano também havia de se manifestar energicamente contra essa intervenção. Espanha ficaria assim dividida em dois grandes

Notas Rubras

Uma greve de costureiras

Os jornais diários publicaram na quarta-feira última, a noticia de se terem declarado em greve 32 costureiras dum atelier de vestidos ali da rua do Almada.

Segundo a referida informação, a causa que levou aquellas operárias a tomarem semelhante attitude foi o motivo da proprietária da officina onde trabalhavam lhes reduzir os salários «em de compensar da redução de tempo motivada pela regulamentação das horas de trabalho».

Encheu-me de satisfação o facto de já haver mulheres com o necessário espirito de revolta para se insurgirem contra a usurpação duma regalia.

A mulher tem sido sempre a mais explorada. E uma das classes onde essa exploração se observa com maior ganância e injustiça é no mistér de costureira.

Por uma pura ridicularia, essas proletárias trabalham imensas horas, numa labuta maçadora e exaustiva. Alem disso muitas noites são obrigadas a fazerem serão, bastas vezes gratuitamente!

Por conseguinte, repito, o conhecimento de que um grupo de costureiras se tinha declarado em greve para defender os seus interesses trouxe-me um júbilo muito grande.

O meu maior desejo é que essas mencionadas companheiras saiam vitoriosas de seu no-

bre e simpático gesto; e para esse resultado é necessario que os laços de solidariedade entre elas sejam inquebrantáveis.

Para o ordenado mesquinho, que mal chega para uma fraca alimentação, é mais que suficiente o horário de 10 horas de trabalho.

Mas não bastará, toda via, que as costureiras se limitem a actos isolados de reivindicação. É preciso que elas, quanto antes, organizem o seu sindicato profissional para que não continuem a ser umas verdadeiras «negras» de «croças» que teem o nome de *ateliers*.

C. RODRIGUES

Manobras Patrióticas

Qualquer gesto de protesto contra a guerra e seus factores qual-quer movimento dos operários nos países aliados e amigos é obra de ouro ale não, é manejo dos «boches», e seus agentes. Á respeito da greve no País de Gales, as agências telegráficas até indicavam a quantia certa gasta pela Alemanha. Lembra aquella história dos 30 contos dados pelos monárquicos aos sindicalistas de Lisboa.

E então a agitação socialista na Alemanha? E os manifestos clandestinos que lá teem sido espalhados contra a guerra e a imunda corja kaiserista? E a grande greve na Casa Krupp? Pela mesma razão, direis vós, aquilo deve ser produto do ouro inglês.

Assim dirão decerto os patrioteiros germânicos. Mas julgareis mal os dêste lado, se os supuser-

grupos: amigos de Portugal, os elementos avançados; e inimigos seus, os reaccionários de todas as facções. Darão estas duas forças a batalha definitiva?
Madrid, 23 de julho de 1915

R. MERINO GRACIA

PALAVRAS DE OIRO

Duma carta de Victor Hugo aos membros do Congresso da Paz, realizado em Lausana em Setembro de 1869:

Concidadãos dos Estados Unidos da Europa,

Desde esta data significais a quem de direito que a guerra é má, que o assassinato mesmo glorioso, fanfarrão e régio, é infame, que o sangue humano é precioso, que a vida é sagrada...

A civilização tende inevitavelmente para a unidade de idioma, para a unidade de metro, para a unidade de moeda e para a fusão das nações na humanidade, que é a unidade suprema. A concórdia tem um sinónimo: simplificação; assim como a riqueza e a vida tem um sinónimo: circulação. A primeira das servidões é a fronteira.

Quem diz fronteira, diz ligadura. Cortai a ligadura, apagai a fronteira, tirai o guarda aduaneiro; tirai o soldado, em outros termos, sede livres, e a paz segue-se.

Quem tem interesse nas fronteiras? Os reis. Dividir para reinar. Uma fronteira implica uma guarita, uma guarita implica um soldado. Não se passa, expressão de todos os privilégios, de todas as proibições, de todas as censuras, de todas as tiranias. Desta fronteira, desta guarita, deste soldado sai toda a calamidade humana.

Sendo a excepção, o rei para se defender precisa do soldado, que por sua vez precisa do assassinato para viver. Aos reis são necessários exércitos, aos exércitos é necessária a guerra. Senão, esvai-se a sua razão de ser. Coisa estranha: o homem consente em matar o homem sem saber porquê. A arte dos déspotas é desdobrar o povo em exército. Uma metade oprime a outra.

As guerras tem todas as espécies de pretextos, mas nunca mais do que uma causa: o exército. Tirai o exército e tirareis a guerra. Mas como suprimir o exército?

Pela supressão dos depotismos.

Os reis só se entendem num ponto: eternizarem a guerra. Cuida a gente que eles questionam: nada disso—ajudam-se uns aos outros. O soldado, repito, precisa de ter a sua razão de ser.

Portanto, vamos ao fim que chamei algures a *ressorção do soldado pelo cidadão*. No dia em que se dê essa recuperação, no dia em que o povo já não tenha fora de si o homem de guerra, esse pior inimigo, o povo ver-se há uno, inteiro, amante, e a civilização chamar-se há harmonia, e terá em si, para criar dum lado riqueza e do outro a luz, essa força—o trabalho, e essa alma—a paz.

(Onde há reis, deve lê-se: todos os reis, todos os senhores de Estado e do Ca. It. l. Nota da Red.)

No próximo número

O imperialismo moderno

Por DIONIZIO NOR

Os novos apóstolos da força brutal, os mulherengos enlavados e perfumados que se ficam a fazer figura de mata-sete no meio das belas madamas e mandam os proletários para o mata-doiro para glória da monarquia e proveito dos banqueiros, tratam-nos de pacifistas.

Com efeito Nós somos pela paz, mas só com a condição de existir a justiça.

Enquanto houver um só privilegiado a apoiar o privilégio na força brutal, estejam certos os homens de guerra de que não faremos a paz.—E. MALATESTA

GRALHA

No n.º passado, no artigo «Boas e más notícias», é *fracamente*, e não, «francamente», o que se deve ler na frase; «francamente» ajudado por Péricli.

“DEPOIS—QUE SERA?”

Depois da guerra, a paz. Para quem? Para os trabalhadores? Antes da guerra não havia paz, nem a haverá depois para os que são empregados por outros. A vida do salariado é uma luta contínua contra circunstâncias adversas que ele não domina. Nasceu para trabalhar, para viver para o trabalho, não para trabalhar pela vida. A sua luta pela existência ou termina na sepultura ou numa mesquinha pensão por velhice.

Ele combate pela vida. Mas notai a diferença entre o tratamento que lhe é medido e o que é dispensado ao soldado; a diferença entre o homem que combate para si e o que combate pelos outros. O soldado é um herói, benemérito da pátria; bem alimentado, bem vestido, bem abrigado—comparativamente; uma pensão, apenas feito o seu serviço, a qual o habilita a vender o seu trabalho mais barato do que os seus companheiros; sua mulher e sua família bem vistas quando ele combate longe; cantado pelos poetas e louvado pelos políticos um herói! Mas o trabalhador, de quem depende em tempo de paz e de guerra o bem estar do país—para esse não há pão garantido, não há pensão antes dos setenta, não há fornecimento de roupas, abrigo ou alimento, não há desvelos para sua mulher e filhos; não é de modo algum um herói, mas apenas uma rude, trivial, ébria, estúpida máquina humana, a pôr de lado quando gasta ou quando os tempos estão maus para o patrão. Que para o operário estão os tempos sempre maus. Quem não quereria ser soldado?

Após a guerra, haverá paz e fartura, como nunca houve. Todos serão felizes; os negócios prosperarão—e, para o trabalhador, que haverá? É sempre perigoso profetizar, pois ninguém sabe com certeza o que há-de suceder. Mas desta feita podemos estar seguros do que não acontecerá. Vinda a paz, o capitalista não se terá transformado de lobo em cordeiro. No seu modo de tratar os homens que o enriquecem, não haverá mudança alguma; tirará o mais possível e dará o menos que puder. Então os trabalhadores pensarão nos dias de guerra como em dias de promessas que nunca houve intenção de cumprir. Achar-se há abundantes razões para faltar a esses promettimentos de paz na terra e da boa vontade entre patrão e salariado. Essas promessas serão quebradas porque os trabalhadores não fazem uso da força de que dispõem: toda a tragédia está nissol. Os operários tem força para fazer o que querem e tomar o que desejam; mas o inimigo leva-os hábilmente a dissiparem essa força em direcções erradas e em fúteis esforços.

Outrora o patrão temia as uniões de ofício; agora emprega-as como arma subtil e poderosa. A lei permite-as, o parlamento patrocina-as, Lloyd George usa-as como sociedades beneficentes subsidiadas pelo Estado; os seus chefes são louvados e presos por agradáveis ocupações até se tornarem cegos conduzindo cegos.

Para o trabalhador não há paz, nem a haverá, enquanto durar a contínua e implacável guerra com o seu inimigo único—o capitalista. O trabalhador pode existir sem o capitalista; este não pode viver sem aquele. Quando compreenderão este facto os operários? Quando perceberão que triunfarão por força, se lutarem apenas, sem tréguas, sem se contentar com meias medidas? Eis o que é preciso que eles entendam e executem. A meio do caminho para a liberdade económica não há pousada.

Urge tombar muitos ídolos dos seus pedestais, derrubar lhes os altares, destruir-lhes os padres. Este, por exemplo: que só por um lucro se trabalha. O unico fim legítimo do trabalho é prover às necessidades e ao decente conforto da vida; nada mais. Trabalhai para viver; não vivais para trabalhar. Quando isso for compreendido pelos trabalhadores—que será então? O começo de melhores tempos.

Oh! mas tudo isto tem sido dito tantas vezes e é tão claro! Sim, com efeito; mas é tão fácil esquecer-nos o que é claro! Esses factos simples, não os empolgou ainda o proletário; gerações sobre gerações tem sido educadas na falsidade. Ensinar aos obreiros a verdade não será obra dum dia; eles mal lhe prestam ouvidos. Os anarquistas tem que encarar este facto capital: temos contra nós uma trágica ignorância, estamos envolvidos em densas trevas. Temos que vencer essa ignorância e espantar essa escuridão. Eis porque o primeiro dever do anarquista é a obra prosaica de propaganda: tem que converter os pagãos. Cada um de nós pode fazer um pouco. Está a fazê-lo? Se está, depois—que será? Depois, vamos a caminho duma vitória que é certa e pode estar mais perto do que julgamos. Se não está, a vitória não chegará jamais.

Londres, julho de 1915.

W. CHIGNMOUTH SHORE.

O papel das «Juventudes»

Alguns amigos tem-me pedido a minha opinião sobre a utilidade e função dos grupos de jovens operários. Dou-a alheio conforme o meu costume, a personalismo tanto mais que, por informações particulares e recentes notas da *Aurora*, vejo que a questão toma por vezes feição azeda e pessoal, bem pouco própria da educação libertária.

Quanto às «Juventudes sindicalistas», continuo a pensar como há um ano, quando respondia a amigos que me consultavam a tal propósito. Acho que as «Juventudes sindicalistas» devem ser destinadas a preparar militantes para os sindicatos, insuflando nos jovens o amor ao estudo, dando-lhes a consciência do seu valor social, da sua situação, dos seus direitos, dos destinos da sua classe, desenvolvendo-os como produtores cuidadosos dos aperfeiçoamentos técnicos e profissionais, educando-os para a acção sob vários pontos de vista.

Esses agrupamentos não devem, pois, recrutar os seus aderentes segundo as ideias, mas segundo a posição social e a idade; não devem admitir unicamente os rapazes de consciência revolucionária já feita, mas todos os adolescentes de boa vontade, que nisto está a sua principal utilidade e a sua justificação essencial.

São sobretudo esses jovens ainda inconscientes que é preciso afastar da taberna e do lupanar, dos meios em que habitualmente a mocidade se embrutece e alcooliza, desperdiçando doidamente as suas juvenis energias e reduzindo-se progressivamente à condição de instrumentos cegos e passivos nas mãos dos patrões e governantes. São esses que, adaptando-se a associação às necessidades imperiosas e legítimas da mocidade, é preciso atrair com os desportos sem prémios nem estupididades emulações e desafios, com a música, com o teatro social e educativo, com os passeios e excursões de recreio, confraternização e estudo. São esses sobretudo que é preciso pôr em face dos problemas de emancipação operária e social, em face dos vários aspectos, argumentos e soluções. São esses especialmente a quem é preciso inculcar a dignidade de produtor, o amor ao trabalho livre, produtivo, inteligente.

Não fica então bem evidente a enorme utilidade das Juventudes sindicalistas? A importância do seu papel, que nem os sindicatos nem os grupos de ideias poderão desempenhar?

Muitos menos justificáveis me pareciam as «Juventudes anarquistas» ou «socialistas». Tomemos as primeiras. Um grupo, para sem artificio se poder chamar anarquista, tem que ser composto, já não digo de... doutores em anarquismo, mas de indivíduos que conheçam os elementos essenciais do anarquismo—fins e métodos—e saibam justificar as suas convic-

ções. Se, portanto, as «Juventudes» são muito numerosas e recrutam pela idade, não são anarquistas; o que pode suceder é os «directores» falarem por todos e afixarem uma tabuleta que não corresponde á realidade—o que é pouco libertário. As Juventudes devem nesse caso chamar-se sindicalistas, sindicais ou operárias.

Se os jovens são anarquistas deveras, tem a sua disposição os grupos anarquistas, recrutados por ideias, não por idades, e ainda, para acumular, as Juventudes formadas pelos seus companheiros de trabalho, sem ideias definidas. Nos primeiros, darão o ardor da sua mocidade, recebendo em troca as lições da experiência; nas segundas, contribuirão com as suas ideias e iniciativas para a educação e acção da mocidade operária.

Devo, porém, confessar que os acontecimentos de há um ano para cá—já lá vai um ano de guerra!—mostraram o valor dos núcleos de jovens idealistas, com organização autónoma, impelindo de fora as organizações de «adultos», agindo sem as peias da moderação e incerteza dos fatigados, dos desiludidos, dos encarcerados no círculo das responsabilidades de família e de política. Ao menos nos grandes momentos históricos.

A Juventude socialista italiana deu um exemplo brilhante. Mais tarde, os jovens poderão amansar-se, com o cansaço e o desenganço, com o peso da responsabilidade do lar e das funções directivas e sobretudo com o parlamentarismo, fonte perene de corrupção e enervamento. Mas agora os rapazes deram boa conta de si, imprimiram ao socialismo um carácter mais enérgico e intransigente e mostraram que, ao menos no seio do socialismo democrático, a organização juvenil autónoma é precisa.

As Juventudes sindicalistas francesas, reduzidas com a guerra a mobilização e a reacção aos seus elementos propulsores, também deram boa prova.

Mas, por pior que seja o valor que esta recente experiência tenha mostrado nas organizações partidárias de adreços, a grande importância das Juventudes sindicalistas ou operárias não ficou de modo algum diminuída, nem elas deixaram de ser um excelente campo de acção para os jovens militantes do anarquismo. Uma e outras podem perfeitamente viver lado a lado sem hostilidades recíprocas, trabalhando com confiança na tarefa que consideram mais profficua e urgente.

NENO VASCO

A greve na fabrica de botões

Continua na mesma a greve que os operários declararam na fabrica de que é gerente o *companheiro* Silva Lima, vereador socialista. E dizemos que continua na mesma, porque este *senhor*, digno émulo das castas burgueses e politicantes da lusa parvónia, fez publicar nos jornais diários uma noticia segundo a qual os operários que não se apresentassem ao trabalho num determinado dia, seriam considerados despedidos.

Este procedimento reles e infame temo-lo visto-usar várias vezes pelos industriais que exploram desalmadamente os seus operários. Longe estavamos, porém, de imaginar que um socialista militante, desempenhando demais a mais um cargo de confiança do partido, lançasse mão dele para amedrontar aqueles que no uso legítimo dum direito, fizeram o que há já muito deveriam ter feito.

E' por isso que os operários, conscientes do papel que representam, ao lerem essa noticia, deliberaram conservar-se unidos e solidários, até que justiça lhes seja feita. A sua causa é uma causa justa e humana; portanto, nada de desfalecimentos nem de tibiezas. O caminho é para a frente.

Tendo os jornais noticiado que fora agredido pelos grevistas um professor de ensino livre, comunicamos a respectiva associação que isso é redondamente falso, pois o pode provar com documentos.

Notas de perto

XVI

Meu Caro C

A guerra, a estúpida guerra, ha quase um ano que, para gaudio dos patrioteiros de todos os lados das fronteiras, vem enchendo de sangue os fertes campos da terra, destruindo o que com tanto suor e tanta privação se tem acumulado e produzido durante gerações inteiras. Não sei de coisa mais feioz e mais estúpida que tão horrorosamente revele o estado da tola civilização dos nossos dias e que tão tristemente nos mostre como as classes burguesas e financeiras tripudiam sobre a ignorancia e ainda mais sobre a cobardia dos trabalhadores que os mantêm.

Que, afinal, as guerras são possíveis porque o *Não matarás* é uma lèria bíblica e os que trabalham, eternos servidores dos outros, obedecem, obedecem sempre aos caprichos alheios. Ha quase um ano que a estúpida guerra leva a miséria e o luto a toda a parte simplesmente porque se obedece, até para matar.

Mostras desta obediencia e dessa cobardia são bem reveladas nas cartas que seguem a proposito do que entre soldados se passou nas trincheiras durante o Natal. Já lá vai tanto tempo e devias ter ouvido falar nisto, mas que elas façam esta *Nota* maior do que de costume visto que elas devem aqui figurar. Lê:

«Muitos dos nossos rapazes saíram a encontrar-se com os alemães entre as duas linhas. Eu fui de tarde fotografar-me em grupo com ingleses e alemães. Trocámos *souvenirs*. Recebi uma fita e uma fotografia do principe da Bavaria. Os alemães opostos a nós eram muito decentes amigos, Saxes, homens inteligentes e de apparencia respeitável. Eu tive uma bela conversação com três ou quatro, e tenho dois nomes e endereços no meu livro de notas. Por a mais extranha cena que poderiei imaginar—fr desarmado ao encontro do inimigo; também desarmado. Depois da nossa conversação, os alemães foram muito de como as noticias dos nossos jornais devem ser horrivelmente exageradas.»

Carta enviada por seu filho a Mr. J. T. Griffiths, de Stamford Hill.

«Soldados alemães e ingleses saíram das suas trincheiras e breve formaram pequenos grupos por todo o lado, trocando bebidas e comida de toda a espécie. Foi um espectáculo dos mais extraordinários. Em muitos casos o importante não foi somente que os soldados não iam para as suas trincheiras mas em alguns foi que eles não obedeciam e houve grupos divertindo-se nas escavações hostis. Arranjaram-se jogos de football em algumas partes da linha em que eu estava.»

Informação de um oficial para o *Herald* de Glasgow.

«...o official alemão pediu uma trégua e pediu ao official inglês para que fosse ter uma palestra. Arriscaram-se, e eventualmente os soldados de ambos os lados saíram também e reuniram-se amigavelmente em divertimentos. Interrogados sobre o que eles pensavam da guerra, um dos alemães, falando excelente inglês, respondeu que estavam «—bem fartos.» Desejámos felicidades uns aos outros, voltando ás respectivas trincheiras, e imediatamente começamos (de maneira amigável) experimentando chamuscarnos uns aos outros. Parece engraçado, mas é absolutamente verdadeiro.»

Descrição de um sargento do Dragoon Guards, no *Weekly Mail*.

«No dia de Natal os alemães estavam ainda mais amigáveis, pois eles pediam ao longo de toda a linha para que saíssemos e lhe fossemos falar, o que eles fizeram, e durante a maior parte do dia não houve senão grupos de Sea-forths e alemães apertando as mãos e batendo nas costas uns aos outros, bebendo incidentalmente juntos, do que os alemães pareciam estar bem fornecidos e nós não tinhamos nada. Alguns dos nossos officiaes saíram também; um tirou mesmo um instantâneo de um grupo dos nossos fraternizando com os alemães. Disseram-nos que não fariam fogo sobre nós,